

## JOSÉ MATIAS: UM AMOR FORA DE LUGAR

“Esta coisa a que o mundo chama amor, não é só uma coisa, porém muitas com um próprio nome.”

*Alana de Oliveira Freitas El Fabl\**

**RESUMO:** O presente artigo tem por objetivo apresentar uma análise do conto José Matias (1897) de Eça de Queirós. Consagrado como o principal romancista do Realismo português, o autor também dedicou sua pena aos contos com igual empenho e qualidade literária. Em seus contos há um largo leque de temas e formas narrativas, dentre esses destacamos o tratamento especial dispensado à temática amorosa, espectro sempre presente na obra eciana. José Matias vem desafiando seus leitores há mais de um século. No enredo, a estrutura do amor cortês surge deslocada para um tempo moderno no qual revela seu caráter mórbido, permanecendo um enigma que não acha abrigo nem compreensão. No entanto, como a ironia diante do amor vem carregada de fascínio, é também possível afirmar que o conto revela a incontornável atração que o atraso português exercia no mais genial de seus críticos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Eça de Queirós; José Matias; Amor cortês.

### 1. José Matias: Eça e um outro amor de perdição

Linda tarde, meu amigo!... Estou esperando o enterro do José Matias, do José Matias de Albuquerque, sobrinho do Visconde de Garmilde. O meu amigo certamente o conheceu um rapaz airoso, louro como uma espiga, com um bigode crespo de paladino sobre uma boca indecisa de contemplativo, destro cavaleiro, duma elegância sóbria e fina. E espírito curioso, muito afeiçoado às ideias gerais, tão penetrante que compreendeu a minha Defesa da Filosofia Hegeliana! Esta imagem do José Matias data de 1865: porque a

---

\* Professora Adjunta de Literatura Portuguesa da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Doutora em Teorias e Críticas da Literatura e da Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

derradeira vez que o encontrei, numa tarde agreste de Janeiro, metido num portal da Rua de S. Bento, tiritava dentro duma quinzena cor de mel, roída nos cotovelos, e cheirava abominavelmente a aguardente (1997, p. 1600-1601).

O trecho acima é o parágrafo inicial do conto José Matias, publicado na Revista Moderna em 1897. Nesse conto, Eça cria uma das personagens mais complexas de sua vasta galeria de tipos, cuja história amorosa é exposta numa intrincada teia narrativa. O protagonista que dá título ao conto é apresentado por um narrador, filósofo hegeliano, que relata para um amigo em comum dos tempos de Coimbra, durante o enterro de José Matias, a história do seu estranho amor por Elisa e os desdobramentos que esse sentimento trouxe para a sua vida.

Dessa forma, a narrativa se estabelece a partir de dois momentos temporais distintos: o tempo da narração, que se dá durante o enterro de José Matias, e o tempo da matéria narrada, os longos anos do amor sem reservas de José Matias por Elisa, uma história que dura mais de vinte anos. Tal estratégia confere ao texto um ritmo dinâmico, em trânsito constante, uma espécie de troca de cenários que se interpõem durante o conto.

Para Maria Lúcia Lepeck<sup>1</sup>, esse conto é “superior aos outros pela estrutura complexa e pela dimensão poética da palavra”(1988, p. 539), o que confirma ser esse um texto que vem sendo tratado com atenção pela crítica eciana e, sobretudo, mantendo o interesse de seus leitores. É interessante perceber, nessa apresentação inicial do protagonista, que o narrador expõe e condensa claramente os dois José Matias que se conhecerá ao longo do conto: o do início “um rapaz airoso, louro como uma espiga, com um bigode crespo de paladino sobre uma boca indecisa de contemplativo, destro cavaleiro, duma elegância sóbria e fina” e o do final da narrativa, o que “tiritava dentro duma quinzena cor de mel, roída nos cotovelos, e cheirava abominavelmente a aguardente.” E é justamente em torno desse intervalo entre o primeiro e o último José Matias que se constrói a matéria narrada do conto, que será desfiada pelo narrador-filósofo durante o enterro da

---

<sup>1</sup> Verbete José Matias presente no Dicionário de Eça de Queiroz organizado por Campos de Matos.

personagem título. Há um processo de degradação, de decadência, que suscita uma explicação.

Dessa forma, temos na introdução do conto, o mote de todo o seu desenvolvimento, ou seja, em sua abertura, já temos indícios do seu final. Assim, antes de continuar a descrição do protagonista, o narrador coloca antecipadamente no conto, num tom que beira sutilmente a gratuidade, a problemática central, sintetizada na frase interposta na passagem (1997, p. 1601):

Vem o caixão saindo da igreja... Apenas três carruagens para o acompanhar. Mas realmente, meu caro amigo, o José Matias morreu há seis anos, no seu puro brilho. Esse, que aí levamos, meio decomposto, dentro de tábuas agaloadas de amarelo, é um resto de bêbedo, sem história e sem nome, que o frio de Fevereiro matou no vão dum portal.

A frase destacada tem o poder de pronunciar e promover o encontro das duas matérias narrativas em jogo. Esse José Matias que está sendo enterrado naquela tarde, já morrera bem antes, e é justamente o motivo dessa morte em vida que moverá o conto. A sua morte em vida se dera bem antes, algo o leva à morte, tornando sua existência um processo de degenerescência. Tocado por um amor incompreensível para o narrador, o protagonista morrera gradativamente.

Temos em seguida alguns detalhes sobre o José Matias dos tempos de Coimbra, descrito pelo narrador “como uma alma escandalosamente banal” ou “um suave camarada, sempre cordial, e mansamente risonho” e que “toda a sua inabalável quietação parecia provir duma imensa superficialidade sentimental”, perfil esse que será antecipadamente posto em xeque, quando o narrador, novamente em tom despretensioso, nos apresenta antes dessa amena fase coimbrã de José Matias, a sua angústia em torno do enigma: “Pois este José Matias foi um homem desconsolador para quem, como eu, na vida ama a evolução lógica e pretende que a espiga nasça coerentemente do grão.”

É necessário não perder de vista o fato de o narrador ser um filósofo hegeliano, ou seja, seu pensamento é guiado pela busca da verdade lógica. Logo, é em torno desse ponto do conto que o narrador-filósofo se vê diante de sua busca. Compreender, através

da evolução lógica que compõe o seu repertório intelectual, um amante, um homem desconsolador para o espírito lógico.

Assim, como em *Civilização* José Fernandes tenta compreender os motivos que conduziram Jacinto àquele estado de tédio, o narrador de José Matias tentará compreender o seu exótico caso de amor por Elisa, razão da transformação do seu espírito inicialmente pacífico, na ruína humana do final do conto. Todavia, o decorrer da narrativa evidencia que tal desejo do narrador não se concretiza. Ele não conseguirá explicar o inexplicável José Matias.

Preso ao seu cabedal científico o narrador não conseguirá traduzir através dos seus códices o amor singular desse rapaz louro. Com ironia, Eça lança mão de um narrador ingênuo, estabelecendo uma crítica à lógica hegeliana e a visão evolucionista, instrumentos limitados ante o enigma das emoções humanas. É sobre a especificidade desse sentimento amoroso que trataremos agora.

## **2. O fim' amors de José Matias**

A condição superior e idealizada de Elisa, o fato de ser casada, além da descrição de sua residência no “cimo do outeiro” nos remete diretamente ao cenário medieval. Eça reconstrói um ambiente de referências culturais muito próximas do cenário das cantigas de amor trovadorescas, construídas através das insígnias do amor cortês. José Matias sofrerá da coita d'amor dos trovadores provençais, enquanto Elisa encarna a personificação da Mía Senhor ou da Mía Dona, razão da dor do seu amado. Elisa é a Senhora, ao passo que José Matias, na condição de servo, lhe prestará uma vassalagem amorosa.

No *Tratado do Amor Cortês*, André Capelão destaca, em um dos diálogos, esse aspecto da servidão do amor cortês, através da fala de um senhor para uma dama, alvo de seu amor: “é a vosso serviço que quero dedicar-me para sempre, é a vossa glória que quero oferecer todas as minhas ações virtuosas. Do fundo do coração, peço-vos clemência: considerai-me vosso vassalo.” (2000, p. 116). Segismundo Spina (1996, p. 25) aponta entre os caracteres fundamentais da mensagem poética dos trovadores nas cantigas de amor

“a submissão absoluta à sua dama, uma vassalagem humilde e paciente e a promessa de honrá-la e servi-la com fidelidade”.

Os traços apresentados por Capelão e Spina ratificam o diálogo que Eça, em José Matias, trava com as cantigas de amor medievais, textos emblemáticos na formação da cultura literária portuguesa e matriz importante para o tratamento do tema amoroso na literatura ocidental, principalmente da literatura romântica. Assim como nas cantigas, no conto também era o ver que determinava e fatalizava o trovador àquele amor que lhe imputava os sentimentos ambivalentes de sofrimento e prazer.

Representado na prosa, o amor de José Matias fica mais sujeito à passagem do tempo e dos limites existenciais. A extensão da prosa narrativa profana justamente aquilo que a condensação do instante lírico consagra. Retirando o amor trovadoresco do verso e o fazendo encarnar na prosa, Eça o transporta à experiência quotidiana. Nesse chão real – em que o mito amoroso perde o abrigo da interioridade e se vê sujeito à análise alheia – o sentimento de José Matias surge como morbidez e o seu êxtase torna-se perversão, assim vê-se que essa transposição para a prosa é a primeira estratégia de Eça em sua acurada crítica às estruturas medievais ainda presentes na vida social do país e colunas estruturantes da mentalidade de muitos portugueses.

Franklin Leopoldo e Silva observa que o amor de José Matias é um amor essencial no qual se ama o Amor em si e não o objeto amado, classificando com propriedade seu sentimento como um amor heroico em um mundo prosaico (1997, p. 186):

José Matias possui a clarividência espontânea do herói, aquele que foi dotado pelos Deuses. Mas ele vive num mundo prosaico, e o seu heroísmo tem que ser traduzido na relação prosaica. Então a contemplação da Beleza se traduz em olhar a “divina Elisa” passear no terraço. Ainda assim, o que importa nesse olhar é o olhar. Por isto este olhar está completamente desvinculado da imaginação da “divina Elisa” em relações íntimas com o marido. José Matias não sente o ciúme, porque o que o espírito possui a matéria não compartilha.

Desta forma, o sentimento de José Matias não consegue ser entendido, num momento histórico que todavia abriga, provocando escândalo. É uma espécie de afeto quixotesco, um sentimento medieval que se torna extemporâneo na modernidade. Se a visão de mundo de D. Quixote é pautada pelas novelas de cavalaria, o amor de José Matias se constrói sobre o código do amor cortês. Embebidos pelo medievalismo, ambos não encontram espaço na modernidade, tornando-se sujeitos deslocados. Sobre o amor cortês, Octavio Paz afirma (1993, p. 70):

O termo amor cortês reflete a diferença medieval entre corte e villa. Não o amor villano – copulação e procriação –, mas sim um sentimento elevado, próprios das cortes senhoriais. Os poetas não o denominaram amor cortês; usaram outra expressão: fin' amors, quer dizer, amor purificado, refinado. Um amor que não tinha por fim nem o mero prazer carnal nem a reprodução. Uma ascética e uma estética.

A definição de Paz nos dirige para a questão central do conto. O amor cortês exige o abrigo da corte em oposição ao cenário da Villa. O problema de José Matias está em sua distonia com o contexto que lhe dá abrigo: a existência cotidiana do mundo moderno cujo ritmo é citado pela cidade.

Trata-se de um narrador hegeliano, idealista, portanto, tem os pés fincados longe do ideário do autor, que acusa a degradação de seu país. Eça trata o amor de José Matias, símbolo do descompasso português, como uma doença, um sentimento grotesco que paralisa, esteriliza e mata. Surpreso em relação ao amor que desafia a sua compreensão, o narrador acusa a singularidade desse afeto, sem contudo recusar ou mesmo denunciar a sua morbidez, o caráter grotesco que adquirem os elementos, quando retirados do contexto próprio.

Sem dúvida o amor cortês baliza um sem número de produções posteriores a sua época. Na história da literatura portuguesa, temos o amor cantado por diversos nomes em suas mais diversas formas, desde os trovadores, passando pela anacorese das sofredas Cartas de Mariana Alcoforado, por Almeida Garret em prosa e verso, por Florbela

Espanca com seu donjuanismo, só para citarmos alguns exemplos notórios. Mas foi talvez Luiz de Camões quem consolidou seu lugar na cultura portuguesa.

O poeta renascentista filia-se à tradição amorosa cortês ao cantar o amor sob o signo da incompletude, herança também advinda da lira petrarquista. Em sua obra lírica, temos a presença forte dessa matriz literária e percebemos aqui no conto eciano seus ecos e sinais, embora na outra face de sua poética esteja também presente o canto do amor carnal, tensão que Eça também representa em José Matias.

Temos na obra de Eça uma espécie de relicário das matrizes da literatura portuguesa e ocidental, pois como já vimos anteriormente, ele busca essa tradição e a renova constantemente. Assim a dupla face do amor, espiritual e carnal, cortês e villano preenchem também as personagens de sua obra.

O narrador apresenta a preparação de José Matias para um encontro com Elisa na quinta de D. Mafalda Noronha (personagem que já traz no nome o mau fado daquele amor), encontro absolutamente à distância pelas proibições sociais que os envolve. Nessa cena se constrói simbolicamente um ritual de sacramento, que podemos compreender como uma espécie de preparação para o casamento, já que os noivos se paramentam para tal encontro. Podemos notar nesse ritual que a divina Elisa já nota a presença de seu admirador e também se prepara para receber as suas reverências como uma deusa em seu altar. Tal rito fica claro na cena, da qual destacaremos essa passagem em especial (1997, p. 1604)

Toda a sua atenção se concentrara diante do espelho, no alfinete de coral e pérola para prender a gravata, no colete branco que abotoava e ajustava com a devoção com que um padre novo, na exaltação cândida da primeira missa, se reveste da estola e do amicto, para se acercar do altar. Nunca eu vira um homem deitar, com tão profundo êxtase, água-de-colônia no lenço! E depois de enfiar a sobrecasaca, de lhe espetar uma soberba rosa, foi com infável emoção, sem reter um delicioso suspiro, que abriu largamente, solenemente, as vidraças! Introibo ad altarem Deae! Eu permaneci discretamente enterrado no sofá. E, meu caro amigo, acredite! Invejei aquele homem à janela, imóvel, hirto na sua adoração sublime, com os olhos, e a alma, e todo o ser cravados no terraço, na

branca mulher calçando as luvas claras, e tão indiferente ao Mundo como se o Mundo fosse apenas o ladrilho que ela pisava e cobria com os pés!

O impulso sublimatório, que distancia o amor de toda carnalidade, é enfatizado pela sacralização de Elisa, para junto de quem José Matias se dirige, como um padre novo dirigindo-se à primeira missa. No entanto, esse ato que sublima também se reveste de extrema sensualidade, na medida em que se apóia na materialidade dos elementos necessários à prática do culto. O alfinete de coral e pérola, por exemplo, não deixa de surgir como um substituto do corpo masculino com seu poder de penetrar a carne branca de Elisa. Em suas observações, o narrador enfatiza essa mescla de sensações, na qual o êxtase religioso é indissociável do gozo obtido através dos sentidos. Essa dupla referência – sacralidade e prazer sensual – consubstancia-se no ato potente de abrir as janelas e tomar posse da visão de Elisa que também se preparava para o encontro. Ao introduzir no texto a expressão latina *Introibo ad altarem Deae*, o narrador reforça essa sublimação apoiada na matéria dos elementos ritualísticos.

Elisa, a deusa, que também usava luvas claras, como as noivas, era então consciente de ser o alvo do amor de José Matias, que guardava por ela mais que um amor, uma devoção religiosa, admirava-a como a uma deusa no seu altar, mas uma deusa que se deixa adorar também de forma erótica, aspergindo sensualidade, dado que nos remete à face carnal do catolicismo.

Ao estudar o amor na obra de Eça de Queirós, Eduardo Lourenço vê o escritor na tensão entre Eros e Cristo (1994). Qualificando o primeiro como impulso em direção ao Alto, busca do supremo Bem, Eduardo Lourenço vê, no segundo, uma força que obriga à descida, imersão na humanidade que não resulta em adoração ao Alto, em apego ao próximo. Contudo o ensaísta observa: apesar do abismo que as separa, estas duas formas não deixaram de se contaminar uma à outra.

Segundo Lourenço, o embate entre Eros e Cristo confere à obra de Eça posição especial na ficção portuguesa. A observação alinha-se ao ritual descrito no conto. Eça coloca no mesmo cenário da estola e do amicto, a água de colônia e a mulher branca, assim

como mistura a sublime adoração ao êxtase carnal, ou seja, mistura o sagrado ao profano, amalgamando Eros e Cristo.

Como nos versos dos trovadores, a visão da Senhora condena à adoração. O mundo era para José Matias apenas o espaço sobre o qual Elisa existia. A sua devoção sem reservas o fazia mudar seu comportamento de modo similar. Elisa envolvera-se, envaidecida pelo sentimento que despertara, sem nenhuma promessa de compromisso ou reciprocidade (1997, p. 1604-1605):

O amor espiritualiza o homem - e materializa a mulher. Essa espiritualização era fácil ao José Matias, que (sem nós desconfiarmos) nascera desvairadamente espiritualista; mas a humana Elisa encontrou também um gozo delicado nessa ideal adoração de monge, que nem ousa roçar, com os dedos trêmulos e embrulhados no rosário, a túnica da Virgem sublimada. Ele, sim! Ele gozou nesse amor transcendentemente desmaterializado um encanto sobre-humano. E durante dez anos, como o Rui Blas do velho Hugo, caminhou, vivo e deslumbrado, dentro do seu sonho radiante, sonho em que Elisa habitou realmente dentro da sua alma, numa fusão tão absoluta que se tornou consubstancial com o seu ser! Acreditará o meu amigo que ele abandonou o charuto, mesmo passeando solitariamente a cavalo pelos arredores de Lisboa, logo que descobrira na quinta de D. Mafalda, uma tarde, que o fumo perturbava Elisa? E esta presença real da divina criatura no seu ser criou no José Matias modos novos, estranhos, derivando da alucinação. Como o Visconde de Garmilde jantava cedo, à hora vernácula do Portugal antigo, José Matias ceava, depois de S. Carlos, naquele delicioso e saudoso Café Central, onde o linguado parecia frito no céu, e o Colares no céu engarrafado. Pois nunca ceava sem serpentinas profusamente acesas e a mesa juncada de flores. Por quê? Porque Elisa também ali ceava, invisível. Daí esses silêncios banhados num sorriso religiosamente atento... Por quê? Porque a estava sempre escutando! Ainda me lembro dele arrancar do quarto três gravuras clássicas de Faunos ousados e Ninfas rendidas... Elisa pairava idealmente naquele ambiente; e ele purificava as paredes, que mandou forrar de sedas claras. O amor arrasta ao luxo, sobretudo amor de tão elegante idealismo: e o José Matias prodigalizou com esplendor o luxo que ela partilhava. Decentemente não podia andar com a imagem de Elisa numa tipóia de praça, nem consentir que a augusta imagem roçasse pelas cadeiras de palhinha da platéia de S. Carlos. Montou, portanto, carruagens dum gosto sóbrio e puro: e assinou um camarote na Ópera, onde instalou, pa-

ra ela, uma poltrona pontifical, de cetim branco, bordado a estrelas de ouro.

Nessa passagem do conto, há uma menção ao Romantismo francês, de Victor Hugo (1802-1885). José Matias é comparado a Rui Blas, personagem do homônimo drama francês que, assim como José Matias, também amara perdidamente uma mulher, a rainha da Espanha, D. Maria Neubourg e por ela empenhara-se em lutar com o seu discurso eloquente contra a oligarquia que oprimia o estado espanhol. Sua luta foi em vão, pois como era um serviçal, um valete da corte, não teve direito ao amor da rainha. Este personagem, portanto, aproxima-se de José Matias pela sua servidão e incompletude amorosa.

Além disso, o narrador passa a caracterizar o amor de José Matias como um sentimento espiritualista, ao contrário de Elisa, que é materialista. Temos, portanto, estabelecida uma dicotomia hegeliana, operador de leitura de que o narrador lançará mão para tentar explicar em vão o drama de José Matias. Entre o amor espiritual e o amor material circula a matéria narrada.

Em estudo sobre Tristão e Isolda, José Miguel Wisnik (1997, p. 204) observa que “ao mesmo tempo em que se opõe ao casamento, a fidelidade passional cortês se opõe também (curiosa e misteriosamente) à própria satisfação da paixão amorosa”, José Matias recusa materializar a sua relação com Elisa, e continua a contemplá-la à distância, para o desespero do narrador que não consegue explicar esse comportamento.

O afeto de José Matias surge-lhe como uma causa primária, enigma sem solução. Já para Eça, esse peculiar sentimento representaria o atraso cultural de seu País, essa seria a causa primária que alimenta o drama de José Matias. O apego a uma estrutura sem lugar na existência. Crítica que se faz constante na obra do autor que lê seu país como uma nação retrógrada, mote que ele vastamente glosará em seus textos.

### 3. Eça e as miragens do amor

Discutindo diversos pares amorosos presentes no texto do escritor, Eduardo Lourenço lembra que, para a geração de Eça, a idealização amorosa fundada na mitologia do amor como acesso à perfeição entrava em profundo esgotamento. Restou, portanto a Eça fixar-se no desvendamento do trabalho da fantasia do amante que, ao fabricar a imagem do ser a quem dirige o discurso amoroso, apoia-se em referências sacralizadas (1994, p. 240):

Todos os seus romances ou contos são a ilustração desta visão do Amor que não é de ordem especulativa, mas uma vivência se pode chamar assim a consciência ferida não pela incapacidade ou impossibilidade de amar, mas pela inanidade intrínseca da experiência amorosa. A indigência do Amor tal como na ficção de Eça abundantemente se glosa, quer sob o modo satírico ou burlesco (O Primo Basílio, Alves & Cia), dramático (O Crime do Padre Amaro), trágico (Os Maias) não é a do Eros platônico, com a sua aspiração para a Beleza-Bem, é a da ausência vivida de relação positiva e durável com o outro, realmente outro. Só sob a forma fantasmagórica da confusão do outro (Amélia, a própria Maria Eduarda), com entidades sacralizadas (Jesus, a Virgem) ou simbólicas (deusas, Vénus, Ceres ou Juno, filhas do imaginário grego e pouco credíveis) é que a fusão amorosa se ficcionaliza. Em suma, o outro, ou antes, a outra, despida de sua aura mítica, deixa mesmo de ser a estátua que fascina para ser apenas a carne ex-divina que repugna. Se na verdade o Amor vive da imaginação, a queirosiana, suporte de sua ficção, não vive como a de Garret ou Camilo do Amor mesmo, da paixão que cria o seu objeto e nele se encontra perdendo-se, mas do puro desejo e suas múltiplas miragens.

Acrescentamos que José Matias é talvez o ponto extremo dessa imaginação superexcitada. Por isso mesmo Amaro, Carlos Eduardo, Luisa e Macário de *Singularidades de uma rapariga louca* e muitos outros terão a consciência ferida pela visão do outro em sua realidade, quando, despido de toda aura mítica, o amado revela-se humano e torna-se, no âmbito da ficção eciana, negativo e até mesmo repugnante. José Matias, no entanto, recusa-se à prova da experiência e evita que a amada revele seus limites, com isso revelando o

vazio no seio da idealização. E como o curso do tempo vai demandando maior esforço para manter essa recusa do real, José Matias, gradativamente se consome.

Assim, o sentimento amoroso existe nos textos de Eça, só se sustenta através da fantasia, do “desejo e de suas múltiplas miragens”; quando a possibilidade de realização concreta ameaça essa idealização, José Matias prefere não por em risco a divindade de Elisa.

Todavia Eça, que parece extrair seu próprio gozo da impossibilidade e do engodo de José Matias, por um lado, condena, por outro tem fascínio por sua personagem. Essa ambiguidade em relação à sua criatura parece ser a mesma que Eça mantém com o Romantismo. Afinal, em contraponto a idealidade, surge, na maioria das vezes, uma realidade frustrante.

Esse ser agonizante, debatendo-se na realidade, esse José Matias que renuncia à luz para entrar em comunhão com as trevas, falece, contemplando os vestígios do que um dia fora, em sua imaginação, a divina Elisa. Possivelmente, quando a imagem idealizada sucumbe ao peso da realidade, o sujeito também sucumbe. Contudo, quando o narrador observa que “valeu apenas trazer à sua cova esse José Matias”, Eça tenciona a sua perspectiva irônica, evidenciando-se maravilhado com a doença que diagnosticara. Certamente, esse encantamento estende-se à vida social portuguesa ligada a certas estruturas pré-modernas. Criticados, esses elementos resistentes na cultura do país sempre atraíram a atenção do escritor que faz deles matéria central de sua obra.

Em um de seus contos – *A Desejada das Gentes* – Machado de Assis dá notícia de uma mulher que, tendo recusado a união amorosa durante toda uma vida, concorda em casar-se agonizante, “às portas do nada”. Atestando a ambivalência desse comportamento incomum, Machado hesita em considerar a sua personagem monstruosa ou divina. De modo similar, Eça de Queirós, através do seu narrador, hesita, ao definir José Matias: “talvez muito mais que um homem – ou talvez ainda menos que um homem”. A despeito da consideração dessa excepcionalidade, o conto de Eça não deixa de insinuar o fato de haver, em cada amante, um pouco de José Matias.

## JOSÉ MATIAS: A MISPLACED LOVE

**ABSTRACT:** This study intends to present an analysis of the tale José Matias (1897) by Eça de Queirós. Known as the main novel writer of the Portuguese realism, this author dedicated his efforts to his tales with equal literary quality. In these tales it is possible to find a large number of themes and narrative forms, between which we can find the special treatment given to the love theme, always present in the whole work of Eça. José Matias had been challenging his readers for more than a century. In the plot, The structure of courtly love emerges dislocated to a modern time in which it reveals its morbid nature, remaining as na enygma that does not find shelter or comprehension. However, since irony before Love always comes plenty of fascination, it is also possible to say that this tale shows the unavoidable attraction that the Portuguese delay exerted on the most brilliant of its critics.

**KEYWORDS:** Eça de Queirós; José Matias; Courtly love.

### REFERÊNCIAS:

CAPELÃO, André. *Tratado do amor cortês*. Trad. Claude Buridant. Editora Martins Fontes: São Paulo, 2000.

LOURENÇO, Eduardo. *O Canto do signo-existência e literatura*. Editorial Presença: Lisboa, 1994.

MATOS, A. Campos de (org.). *Dicionário de Eça de Queiroz*. Ed. Caminho: Lisboa, 1988.

PAZ, Otávio. *A dupla chama – Amor e erotismo*. Trad. Wladir Dupont. 2. ed., Siciliano: São Paulo, 1993.

QUEIROZ, Eça. . *Obras completas*. Vol. II.Org. Beatriz Berrini. Ed. Nova Aguilar: Rio de Janeiro, 1997.

SILVA, Franklin Leopoldo. *O amor em José Matias* in MINÉ, Elza e CANIATO, Benilde Justo (org). 150 Anos com Eça de Queiroz. Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos. USP: São Paulo, 1997.

SPINA, Segismundo. *A lírica trovadoresca*. 4. ed., EDUSP: São Paulo, 1996.

WISNIK, José Miguel. A paixão dionisíaca em Tristão e Isolda. In NOVAES, Aduino (org.). *Os sentidos da paixão*. Cia. das Letras: São Paulo, 1987.

*Recebido em 16/11/2014.  
Aprovado em 14/01/2015.*